

➤ O Oprah Winfrey Show à luz da Sociolinguística Interacional

Profª. Norma Lírio de Leão Joseph
PG- UFRH - UNIGRANRIO

Introdução:

Este trabalho aborda um tipo de situação interativa criada pelo uso dos meios de comunicação que é o Oprah Winfrey Show. Apresento uma interação face-a-face de caráter dialógico que acontece num contexto de co-presença onde os participantes compartilham de um mesmo sistema referencial de espaço e tempo, e empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas 'pistas de contextualização (Gumperz, 1977) para transmitir mensagens e interpretá-las uns dos outros.

A Sociolinguística Interacional, que permeia a perspectiva teórica desta microanálise, surge para priorizar uma análise contextual que permita que seus interagentes sejam fontes potenciais de comunicação e cujas ações e intenções de significado, comportamentos verbais e não-verbais sejam compreendidas no contexto imediato. Preocupar-se com *a fala* como prática comunicativa que possui uma *ordem interacional* como um nível distinto da organização do discurso constitui uma ponte entre o lingüístico e o social. A comunicação é por natureza um processo interativo, e Goffman (1981) já questionava-se: Quais são os sinais interativos observáveis pelos quais podemos descrever os tipos de envolvimento que os marca? Que tipos de papéis de fala podemos identificar na interação e como são marcados no nível de comportamento? Quais são os processos dialógicos pelos quais os falantes compartilham conhecimentos e se posicionam em relação aos outros? Quais os papéis desempenhados?

A análise proposta concentra-se em trocas de turnos, footing, enquadres, duetos, envolvendo Oprah e seus convidados com o principal objetivo de mostrar como indivíduos participando de tais trocas de turnos, usam-nas para alcançar seus objetivos comunicativos em situações de fala na vida real, concentrando-se nos processos que constroem significados como as suposições e as pressuposições de conhecimento de mundo que subjazem à negociação de interpretações.

Valiam-se as expectativas que estão contidas na inferência conversacional, e que variam na fala de acordo com o conhecimento prévio comunicativo dos falantes e dos ouvintes. O propósito principal da análise é acrescentar à vasta pesquisa feita sobre o assunto, como a diversidade afeta a interpretação. Esperamos corroborar para os estudos das relações sociais, indicando, por exemplo, que o desempenho (enactment) de papéis sociais, denominado por Erickson and Shultz (1982) de 'performed social identity', tende a ser algo bem mais complexo, dinâmico e sutil, ao se estudar a tensão e como é fundamentado o show da Oprah Winfrey.

Através desta análise, há a possibilidade de se descrever momentos de interação em um pequeno grupo, cujos encontros são permeados de sobreposição, subordinação de múltiplas atividades de fala, que contribuem para a criação de um discurso compartilhado por todos os interagentes, caracterizando e confirmando, desta forma, a complexidade inerente às situações de comunicação face-a-face. Para analisar este processo dialógico devemos observar o desempenho da interação face-a-face: a) como as identidades sociais e lingüísticas emergem, e afetam de forma sutil, porém definitiva a interação em curso; b) como os acontecimentos se organizam; c) o que significam.

Com base na estrutura dos enquadramentos sinalizados no Oprah Winfrey Show, os eventos são segmentados em episódios maiores e menores, mas todos são sinalizados pelos enquadres dos participantes que norteiam mudança de footing.

Na primeira parte do trabalho fazemos uma pequena introdução, na segunda um resumo do Oprah Winfrey Show; na terceira, a apresentação dos pressupostos teóricos que subjazem à análise sociolingüística interacional; na quarta, a apresentação da microanálise da interação face-a-face, na quinta a análise composta por pressupostos teóricos como: footing, frame, estrutura de participação e alinhamento, dueto, prosódia, pistas de contextualização, a platéia do seu show, e a postura do casal convidado por Oprah.

. A conclusão encontra-se na sexta e última parte.

2. Oprah Winfrey Show à luz da Sociolingüística Interacional

Oprah Winfrey Show é um show popular de televisão produzido nos Estados Unidos e de ampla divulgação internacional. Cada programa aborda um tópico que abrange 'as pessoas' convidadas no âmbito pessoal e social. Às suas experiências, são acrescidas contribuições de especialistas e do público do auditório: cada participante possui um status, o que gera uma controvérsia controlada, que, para um programa televisivo, é considerado bom. Devido a essa organização estrutural do programa, há diversidade de vozes de leigos e especialistas que representam, assim, perspectivas diferentes, às vezes, opostas. Como apresentadora, ela clama por prioridade e é ela que orquestra a hierarquização de vozes. Os indícios de sua aclamação de poder e solidariedade (Tannen, 1986) são evidenciados pelas suas interrupções, metamensagens que envolvem os participantes a fim de que estes se posicionem em diferentes enquadres para que negociem a relação comunicativa uns com os outros.

Neste programa a ser analisado Oprah apresenta o que ela descreve como o pior pesadelo da vida de pais como Steve e Marlene Eisenberg, ao perceber o desaparecimento de sua filha Sabrina de sete meses. Numa certa manhã, eles acordaram e encontraram a berço de Sabrina vazio. Três meses já se passaram e não havia nenhuma notícia sobre o seu bebê. A entrevista começa com a apresentação do casal e da situação sofrida por eles; segue com a entrevista de um especialista do

governo federal em desaparecimento de crianças, e termina com o questionamento da Oprah sobre a segurança no lar dos pais de Sabrina e a atuação da platéia incentivada pela apresentadora.

Neste tipo de show, há as estruturas de expectativas construídas ao longo do tempo nos enquadres institucionais, que indicam aos participantes os vários papéis que devem assumir durante todo o processo interacional.

3. Pressupostos Teóricos

Centrais na abordagem da Sociolinguística Interacional e para a nossa micro-análise são os conceitos de esquemas de conhecimento (knowledge schemata), um conceito cognitivo, e o de enquadres (frames) (Bateson, 1972), de natureza interacional, ambos reunidos no conceito mais geral de estruturas de expectativas, termo proposto por Tannen (1985).

Além desses, é também importante o conceito de “footing” de Goffman (1981) que passa a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e a sua natureza essencialmente discursiva. Goffman demonstra a complexidade inerente a qualquer tipo de encontro face-a-face, onde, enquanto participantes, estamos, a todo o momento, introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso, e são esses enquadres que orientam os interagentes com relação às atividades em andamento. A posição do interlocutor segundo Goffman é a de quem procura entender o significado do discurso a partir do contexto interacional, indagando sempre “onde se situa o contexto da fala?”, onde se situa a realidade de uma dada interação?” Sinais sutis como ‘pitch’, tom de voz, entonação, e expressão facial funcionam em conjunto com as palavras, para enquadrar cada elocução como séria, engraçada, polida, rude, irônica etc. A qualquer momento, um interagente reage a causa reação no outro. Comunicação é um fluxo constante no qual tudo é simultaneamente uma reação e um estímulo, um estímulo e uma reação. Os interagentes se mantêm movendo num jogo complexo que é sempre diferente, mas é constituída de passos similares. A constante mudança de ritmo e seqüência é ajustada pela metamsagem que enquadra o que está acontecendo de um momento a outro.

Goffman (1974) traçou os fundamentos teóricos de análise de quadros a partir do trabalho de Barlett e Bateson, no intuito de investigar a realidade socialmente constituída. Para isto propõe uma série de termos e conceitos para ilustrar como as pessoas usam múltiplas estruturas para dar sentido a eventos, mesmo quando ainda estão construindo tais eventos. O termo footing foi proposto para descrever como os participantes enquadram os eventos, e, ao mesmo tempo, negociam as relações interpessoais, ou alinhamentos, que constituem tais eventos. Trata-se do alinhamento, da postura, da projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio, e com o próprio discurso em construção. Goffman evidencia que os participantes mudam constantemente seus footings ao longo de seus turnos na fala, sendo estas mudanças características permanentes e naturais da fala. Uma mudança de footing fomenta uma mudança de alinhamento, expressa na forma em que

conduzimos a produção ou a recepção de um enunciado”. Uma mudança de footing é uma outra forma de falarmos de uma mudança de enquadres dos eventos. No entanto, é preciso esclarecer que o footing pode tanto implicar que o interagente retome o footing interrompido, como mantê-lo através de vários turnos.

Cabe, também, à Sociolingüística Interacional ocupar-se da organização subjacente ao desempenho comunicativo, à descrição dos esquemas de conhecimento de diversas naturezas que os membros de uma comunidade de fala projetam, a partir de suas experiências, e que determinam suas estruturas de expectativas. Por sua vez, essas estruturas estão na base dos processos de percepção e interpretação da ‘realidade’ e, portanto, das inferências que fazemos no discurso. A ausência ou o conhecimento de esquemas diferenciados de âmbito social ou individual interferirá diretamente nas estruturas de participação, e, conseqüentemente, promoverá mudança de footing

Os quadros e esquemas da interação são reconhecidos através de pistas lingüísticas e para lingüísticas, ou seja, a maneira com que as palavras são ditas, e não apenas o que elas significam tais como: sinais não verbais como direção do olhar, distância proxêmica, movimento corporal, gesticulação, voz, altura do som e ritmo. Tudo mencionado acima contribui para o significado dos falantes.

Para a Sociolingüística Interacional todos os gêneros de discurso são de natureza dialógica e envolvem os interagentes na produção conjunta do discurso, ao sinalizarem, e interpretarem a cada momento o contexto - “o que está se passando aqui e agora.” Desta forma, não há significado que não seja situado, e as microanálises que caracterizam esta tradição, são necessariamente uma interpretação dos fenômenos lingüísticos, paralingüísticos, não-verbais e sociais, que co-operam no evento comunicativo.

Gumperz (1982) já admitia que a inferência conversacional, o processo segundo o qual fazemos sentido do que se passa em um dado discurso e em uma dada interação, depende de um grau de compartilhamento de conhecimentos (esquemas) de mundo. Esse processo depende também, e principalmente, de conhecimentos adquiridos sobre maneiras de interagir: tratam-se de esquemas específicos de interação, que incluem informações sobre como sinalizar significados ou, como utilizar e depreender as pistas de contextualização (“contextualization cues”) que ocorrem a todo o momento em qualquer tipo de discurso. Essas metagensagens (Bateson, 1972) são indiretas e subentendidas, constituindo-se em um subsistema de sinais prosódicos, paralingüísticos e não-verbais, entre outros recursos culturalmente determinados. Erickson & Shultz (1982), Tannen (1986,1990), demonstram que esses sinais afetam de forma sutil porém definitiva a interação em curso, alterando muitas vezes de forma radical o contexto de fala.

Dentro desta perspectiva, a noção de contexto é vista como uma criação conjunta de todos os interagentes presentes ao encontro. Assim, na construção de uma comunicação cooperativa, os

interagentes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais “estáveis”, contidos nos esquemas compartilhados sobre os interagentes (quem fala para quem), os tópicos (sobre o que), o espaço (em que lugar), o tempo (em que momento), mas sobretudo as formas como os interagentes sinalizam a cada momento o contexto interacional, ou seja, os enquadres.

Pressupomos, seguindo Goffman (1981), que um enunciado nos propicia analisar a estrutura de participação, i.e., “os arranjos estruturais da interação” (Philips, 1972), o status de participação de cada interagente, que se manifesta ao desempenhar apropriadamente seus papéis interacionais.

Em ambos os estudos o foco de atenção incide sobre a configuração da fala - sobre os papéis de falantes e ouvintes - e sobre o que estes “sabem” sobre o contexto social ou a situação de fala para interagirem de maneira apropriada. O termo estrutura de participação (participant structure), no entanto, é usado basicamente para referir-se ao conjunto de comportamentos comunicativos observados em interações face-a-face.

Seguindo a tradição de Philips, Erickson e Schultz (1977; 1982) elaboram o conceito (que chamam de “participation structure”) e associam-no ao de papel discursivo e de identidade [social] desempenhada, definindo-o como o conjunto de direitos e deveres comunicativos associados aos papéis dos interagentes e ao desempenho de uma identidade social. Tanto a identidade social desempenhada pelos interagentes como seus papéis comunicativos estão em constante mudança na interação face-a-face e são sinalizados por mudanças de footing ou alinhamento, que re-enquadram as novas identidades e papéis, redefinindo o contexto.

Os estudos de Erickson e associados, que têm feito avançar o conhecimento sobre a natureza da interação face-a-face, privilegiam alguns aspectos interacionais dessa estrutura: as diversas configurações do espaço conversacional (conversational floor), a distribuição da atenção e sua sinalização pelos interagentes em seus papéis de ouvintes e falantes.

Um outro viés sobre a estrutura de participação iniciou-se com o artigo *Footing* (Goffman, 1981), em que analisa aspectos estruturais da interação face-a-face relacionada com mudanças de footing e sua relação com as noções de falante e ouvinte. Em *Footing*, Goffman demonstra a necessidade de se re-analisarem os conceitos primitivos de falante e ouvinte, que encobrem uma série de aspectos da identidade social relevantes para a análise da interação e propõe substituí-los pelas noções de *formatos de produção e de arcabouço de participação*. O esquema abaixo dá uma idéia bastante resumida desses conceitos:

Formatos de produção (falante) incluem as seguintes categorias:

1. animador: é o indivíduo quem fala o discurso, mas não é o autor das palavras.

2. autor: é o agente, o dono do script, que cria as palavras

3. interessado: é quem motiva ou provoca o evento de fala e dele se beneficia.

figura do discurso: são personagens invocadas pelas palavras ditas e não necessariamente presentes ao evento.

Arcabouço de participação (ouvinte) inclui as seguintes categorias:

participantes ratificados

1. receptor a quem a fala é dirigida especificamente ((ouvinte primário para Erickson e Schultz, 1977; 1982). Sua definição inclui direitos e deveres específicos, i.e., o ouvinte primário deve responder à fala que lhe é dirigida, que envolve um tipo de atenção mais regular

2. receptor a quem a fala não é dirigida especificamente (ouvinte secundário para Erickson e Schultz, 1977; 1982). Seus direitos e deveres são mais restritos do que o do ouvinte primário. Não tem obrigação de responder à fala dos interlocutores, apresentando um tipo de escuta mais desengajado. Podem, em tese, se ausentar da conversa, física ou psicologicamente.

participantes não-ratificados

1. ouvinte inadvertente - over-hearer/bystander Aquele que por estar no mesmo ambiente físico do falante, não pode deixar de ouvir o que é dito. Há regras sociais que regulam o comportamento deste participante, geralmente com um tipo de postura que sinaliza desinteresse e/ou desatenção aos eventos em curso.

2. ouvinte subreptício - eavesdropper . Pessoa não ratificada que ouve o evento em curso propositalmente.

(Goffman 1974; Quental, 1997)

O esquema restringe-se a interações informais, tais como conversas, mas Goffman observa que a fala pode ocorrer numa tribuna e quando chega ao 'podium' quem escuta é a platéia. Podem fazer parte da platéia testemunhas ao vivo ou não da fala. Na microanálise explicitaremos mais sobre platéia que compõe o Oprah Winfrey Show.

4. Micro-Análise da Interação Face-a Face

A metodologia da sociolinguística interacional caracteriza-se pela micro-análise de dados naturais, geralmente colhidos em estudos de natureza etnográfica.

O processo da transcrição do discurso oral constitui etapa fundamental para a análise de dados. Conforme afirmam Tannen (1984) e Ochs (1973), a transcrição apresenta, em si própria, uma interpretação (e portanto um posicionamento teórico e metodológico) do analista. Se, por um lado, a gravação de uma conversa já traz em si própria um recorte feito pelo pesquisador em um ou mais eventos de fala, a transcrição desta mesma conversa procura realizar uma difícil transposição do contínuo da fala para a forma discreta da escrita, de enunciados imperfeitos a sentenças idealizadas (Tannen, 1984). Tannen alerta para o artefato da “transcrição” e para a necessidade de se voltar periodicamente ao material gravado durante o processo de análise.

Nesta fase, a microanálise do discurso assemelha-se ao trabalho empreendido pelos etnometalógicos (Sacks, Schegloff, Garfinkel, Jefferson, entre outros). Cabe ao analista, na posição do ouvinte, transcrever de forma minuciosa o discurso, assinalando no sistema de trocas (“exchange system”) as justaposições, as falas encaixadas (“latching”), as pausas, os sinais de retorno (“backchannels”), etc. Diferencia-se, no entanto, no trabalho de identificação das estratégias discursivas utilizadas pelos participantes, estratégias essas freqüentemente sinalizadas pela entonação e pela prosódia que contêm informações consideradas fundamentais para a análise do discurso oral.

A fim de ampliar o grau de cientificidade da investigação etnográfica, Van Lier (1989) discute dois princípios básicos: o princípio êmico e o princípio ético. O termo êmico é estabelecido em contraste ao ético, cunhados por Pike (apud Van Lier, 1989), e derivam das palavras fonêmicas e fonéticas da lingüística. Dessa forma, o princípio êmico refere-se ao estudo de eventos, entrevistas, interpretados a partir da visão do pesquisador, porém este fica ‘dentro do sistema’ ou dos atores – o pesquisador pode ter uma abordagem êmica, mas é considerado um erro. Por outro lado, o princípio ético, refere-se àquilo que é universal, de fora do grupo. O pesquisador tem o seu ‘sistema’, e observa de fora outro ‘sistema’ sem se deixar envolver por ele.

Para o nosso objeto de estudo, o princípio ético é aplicado em toda a nossa microanálise.

5. A Análise

Pensamos ser de grande relevância primeiramente mencionar que há claramente vários eventos no Oprah Winfrey Show, apresentado naquele dia sobre o desaparecimento do bebê Sabrina. Há o footing principal e mais quatro inseridos (embedded) que através da interação face-a-face re-enquadram as novas identidades e papéis dos interagentes, redefinindo o contexto. A mudança de footing ocorre à medida que se insere os quadros dos interagentes/ convidados. Manter estes quadros interativos em equilíbrio demanda uma pressão cognitiva extra por parte do falante, no caso de Oprah.

Em alguns momentos as pistas paralingüísticas são mais fortes que as palavras. No contexto situacional geral, todos os participantes na interação colaboram na negociação de todos os quadros dentro da interação, onde os esquemas de conhecimento relativos às questões em discussão, aos participantes e ao cenário estão em constante operação. Podemos representá-los da seguinte forma:

No primeiro footing, há a própria estrutura organizacional do show de entrevistas que aborda naquele dia o desaparecimento de um bebê, no caso Sabrina, filha de Steve e Marlene Eseinberg.

Para princípios esclarecedores da análise, os footings demarcadores de papéis sociais desempenhados pelos interagentes foram classificados em segmentos. No primeiro segmento, Oprah, no papel social de apresentadora e entrevistadora introduz o casal, Steve e Marlene, entrevistados,, vítimas, pais, suspeitos, e questiona sobre o fato de eles serem suspeitos, em vez de vítimas. No segundo segmento, Oprah convida Ernie Hall, o presidente do centro de crianças desaparecidas, e que sofrem qualquer tipo de abuso a esclarecer as investigações policiais sobre casos de desaparecimento, como o de Sabrina. No terceiro segmento, Oprah, abruptamente, volta-se para o casal como centro de atenção, e os indaga sobre a posse de alarmes de segurança em sua residência. No quarto e último segmento, Oprah incorpora a platéia ao cenário da interação, permitindo até que as testemunhas ao vivo fizessem perguntas ao casal, Steve e Marlene.

Análise do primeiro segmento,

Durante o primeiro segmento, o casal apresenta duetos (Falk, 1979), compartilhando, assim, de turnos, no que Goffman chama de 'a tie-sign', como se estivessem de mãos dadas, formando uma só entidade –“ a metamensagem é nós versus vocês”.

Há um alinhamento paralelo do casal que já pode ser percebido desde este primeiro segmento, que ocorre a nível de papel social e discursivo, enquadrando-os num comportamento semelhante.

Neste segmento, encontramos a seguinte configuração de papéis:

Participantes ratificados:

Steve e Marlene: ouvintes primários

Pessoas assistindo o programa no auditório- platéia, um tipo especial de ouvinte.

Oprah como apresentadora predomina como falante, e exerce sua postura de poder de maneira bem sucedida de manipular a situação. A estrutura de participação se fragmenta de um

lado temos um alinhamento paralelo do casal, e de outro, temos uma posição da falante controladora da fala que é Oprah.

Segundo Fillmore (1971) a conversa seria como um jogo de bola, no qual um jogador joga uma bola para o alto, enquanto os outros observam-na cuidadosamente, e um deles vai ao lugar onde ela vai cair, pega-a, e a joga novamente para o alto. Os princípios mutuamente ratificados em que se baseiam os jogadores para executar essas operações constituem o sistema de tomada de turnos. Todos os sistemas de trocas verbais organizam-se como variações desse mecanismo, que assegura que um participante fale de cada vez, e que a troca de falantes seja recorrente (Sacks et al., 1974).

Portanto, neste segmento Oprah está com a palavra, e Steve e Marlene são ambos os próximos falantes em potencial. O enunciado, que vier em seguida por parte da Oprah, constituirá o próximo turno.

As sobreposições de Oprah demonstram o processo dinâmico do show no qual quer sinalizar pontos de completude de pensamento, observadas na linhas 2 e 12,

Oprah, também, sinaliza atenção que presta ao turno em curso de Steve e Marlene, usando uma breve comunicação denominada de backchannel (Ynge, 1970), como podemos observar nas linhas 6, 8, 10, 21, 24 e 26.

No jogo de bola da interação, segundo Fillmore, (1971), os interagentes podem escolher jogar em time. Estão, assim, engajados na mesma atividade e compartilham do mesmo objetivo. Dois ou mais falantes / interagentes podem participar de uma fala como se fosse uma só, falando in tandem, em prol de ambos, sobre a mesma coisa, e com a o mesmo objetivo comunicativo. O casal está desempenhando metaforicamente um dueto, o que demonstra a compreensão mútua entre eles. O enunciado de um deles é, freqüentemente, sintática, lexical e prosodicamente, a continuação do enunciado do outro. Encontraremos exemplos de dueto na linha 13 e na linha 14, Steve que é membro do dueto, assume que pode ser o próximo parceiro a falar, e atua como co-falante repetindo inclusive “We understand it” para delimitar o enquadramento do casal perante à exposição pública no show.

Análise do segundo segmento

Nesta interação com Ernie Hall, o presidente do centro de crianças desaparecidas, Oprah o questiona sobre a segurança nacional de um americano ter a sua própria casa invadida, e ver sua criança sequestrada. Aqui, o enquadre em evidência é ouvir sobre o que sistema nacional de segurança proporciona ao cidadão em situações similares.

A estrutura de participação é a seguinte:

Ernie: ouvinte primário

Pessoas no auditório ouvem como platéia.

Oprah e Ernie alternam turnos, i.e., Oprah dá à Ernie o direito da palavra ao solicitar esclarecimentos sobre o cumprimento da lei nos Estados Unidos. As sobreposições aqui são presentes nas linhas 34, 36 e 42 .

Oprah, também faz uso de traços distintos prosódicos. Notamos sobretudo que o ângulo de subida brusca favorece a interpretação de exclamação / surpresa, como por exemplo nas linhas 34 e 3, sendo que na linha 32 o ângulo crescente é bem marcante.

Análise do terceiro segmento

Oprah aproveita ‘um gancho’ da conversa com Ernie sobre ações premeditadas de roubo de crianças, para perguntar ao casal se eles possuem alarmes em casa.

Devemos, porém, ressaltar que Oprah usa de traços prosódicos para demonstrar sua desaprovação com dois fatos que para ela são essenciais: alarmes e confiabilidade no bairro em que vivem. Nas linhas 51 e 55, Oprah expressa sua surpresa.

As pistas de contextualização são bem marcadas com a sua constante inquietude na poltrona. Muda de posições constantemente, move a cabeça, e sua entoação é bem ascendente. Todas estas pistas são de natureza meatcomunicativa, que os falantes utilizam para as suas intenções conversacionais (Gumperz, 1982).

Na linha 56, após a grande surpresa da Oprah, Marlene diz: “I know [...]”. Ela realiza a segunda parte de um par adjacente que é uma das maneiras de um falante atual demonstrar sua “compreensão da fala do turno anterior”. Entender, assim, não é um pressuposto conversacionalmente. Um enunciado contendo uma relação de identidade com um outro precedente, exceto uma pergunta sobre o mesmo, pressupõe que o falante o ouviu e compreendeu (Sacks, 1974).

O casal, construindo um dueto neste enquadre, responde que nunca instalaram um, apesar da oportunidade de tê-lo de graça. O casal, mais uma vez, nas suas intenções comunicativas, revela um alinhamento ou posição paralela, que estão juntos na situação presente, e isto ocorre na linha 45.

A estrutura de participação é a seguinte:

Oprah: falante atual

Steve e Marlene: ouvintes primários

A análise do quarto segmento

No quarto segmento, Oprah interrompe Steve e invoca a participação da platéia.

No entanto, na linha 56 seu turno é um “eco”, uma repetição verbatim de palavras do turno anterior com o acréscimo de “That’s amazing ...” De acordo com Chafe (1970), o eco pode ser usado com vários propósitos. Entretanto, neste momento da interação, Oprah o usa com uma certa entonação que pode refletir surpresa.

A noção de platéia como argumenta Goffman (1974), constitui-se de um grande grupo de ouvintes, que escutam de forma peculiar. O termo platéia pode se referir àqueles que constituem testemunhas ao vivo ou não da fala.

No Oprah Winfrey Show, as testemunhas ao vivo são co-participantes numa mesma ocasião social, suscetíveis à toda estimulação mútua que a ocasião oferece. E, assim, Oprah o faz duas vezes: a primeira, para questionar quantos ali presentes possuíam alarmes em casal, i.e., linha 61; a segunda, para permitir que duas pessoas da platéia fizessem suas perguntas ao casal.

A postura / posição do casal Steve e Marlene

Segundo Shrifin (1982), o alinhamento inclui uma posição. O casal, Steve e Marlene demonstram que têm a mesma versão através de pistas de contextualização: movem a cabeça ao mesmo tempo, a posição do corpo é igual (não se movem, seus corpos se alinham paralelamente, com a mesma orientação: T T), são simétricos, o tom de voz é tranquilo, sem exaltação, não demonstram raiva e complementam um a fala do outro, fazem duetos, e estão sempre de mãos dadas. Tudo indica que eles não são culpados pelo desaparecimento da filha.

Conclusão

Na microanálise de um show popular americano que apresentei, procurei evidenciar os mecanismos que falantes e ouvintes possuem para manipular a organização interacional do discurso. A análise das estruturas de participação, footings e alinhamentos dos interagentes oferecem acesso a

significados substanciais para a análise da interação face-a-face, proporcionando ao pesquisador formas mais seguras e confiáveis sobre o que está se passando aqui e agora.

Como focalizamos um show de grande aceitação popular americano: o 'Oprah Winfrey Show', podemos mostrar os vários níveis de metacomunicações, enquadres maiores, enquadres menores, através dos quais identidades ou posições são sinalizadas a cada momento do contexto para a interpretação.

Oprah Winfrey Show à luz da Sociolinguística Interacional.

TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA REALIZADA

NO OPRAH WINFREY SHOW

1. 1. OPRAH: And amidst all the doubt and all the grieving, one sad fact remains [...] baby Sabrina is still missing.
2. 2. OPRAH: [=] We welcome Marlene and Steve to the show. What do you think of what John Walsh said that that [...] Do we have the right to judge?
3. 3. MARLENE: No [crying] no!
4. 4. OPRAH: Do we have the right to be suspicious?
5. 5. STEVE: Everybody's going to have their own opinions about everything, Oprah.
I know you're feeling that now too. And people form their own opinions
6. OPRAH Uh, huh (backchannel)
7. STEVE [=] and can't do anything about that. All you can know is that all the truth is and our only hope is that whoever does have Sabrina; she is being well taken care of. And the people here and the people that see your program.
8. OPRAH Uh, huh (backchannel)
9. STEVE [=] might see a little girl that's about seven months old that looks like Sabrina and that, you know.

10. OPRAH Uh, huh (backchannel)

6. 11. STEVE: [=] That can be our only hope that happens, and that is just devastating to us. Speculation is devastating to us. We have to stay focused.

7. 12. OPRAH: [=] Do you understand the speculations now?

8. 13. STEVE: We understand it. We don't have to like it, but **we understand it.**

MARLENE:

14. STEVE: We understand it's a natural part of the investigation

15.. OPRAH: Because you remember the Susan Smith case.

16. STEVE: Sure.

17. OPRAH. Yeah, and what did for think when you first saw Susan Smith?

18. MARLENE: We aren't very judgmental people and you know we were [...] felt sorry for her, for sure,

I mean, I never said she had something to do with it. This is not the kind of people we are.

19. OPRAH: And when you heard she did [...] she was later convicted.

20. MARLENE: That was terrible. I don't see how any mother can do anything, so terrible [...] and and we hate her because of it, because we are living through her aftermath.

21. OPRAH: Uh, huh

22. OPRAH. So you think if there hadn't been any Susan Smith, you would have more sympathy.

23. STEVE. Ah, I don't know if this is the case, Oprah, you know. Sympathy is not necessarily what we yearn for.

24. OPRAH. Uh, huh

25. STEVE. What we yearn for is the safe return of our daughter,

26. OPRAH. Uh, huh
27. STEVE. so it's something totally different. We want the authorities and people out there
28. STEVE and MARLENE. to look for her. (dueto)
29. OPRAH: O.K. Let's ... Let's ... to help understand some of the pieces of this puzzle Marlene was kind enough to give us a tour around her house and explained what they say happened.

Segundo segmento

29. OPRAH: When we come back we're going to get specific about just what kind of person would
- actually come into somebody's house and steal a baby.
- Is this what we come to in this country? [?]

(commercials)

30. OPRAH: Ernie Allen is the president of the center for the missing and exploited children and Ernie
- says he understands why police have to investigate family members in cases like this.
- 31.ERNIE: Police have to rule things out. In most of these cases the abductor is a family member, or someone who is at least close to the child, is familiar with the child.

But what law enforcement really needs to do is to work in these cases in parallel tracks. You look at the parents, you rule the parents out, but you do not do the other things. You have to follow up .You have to investigate other scenarios.

32. OPRAH: O.K. How common is it... do we live in a society now that people ^ walk into your house
- and take your baby? [?]
33. ERNIE: It's not common, but neither is it unheard of. The reality is we're put a lot of attention on
- hospitals and to some extent, we are moving these offenders.

34. OPRAH: [=] and how hospitals are safer, I understand? [?]

35. ERNIE: Hospitals are much safer.

36. OPRAH: [=] and because hospitals are safer, has that not increased the amount of babies taken out of homes?

37. ERNIE: Oprah, there's no question about it, but I think that the really important point here it, that the focus really needs to be on finding Sabrina.

38. OPRAH: Amen!

39. ERNIE: Because in these cases, in infant cases, the vast majority of these children are alive, and are recoverable. If we can reach enough people and ask the questions: who showed up with a baby two months ago and who did not have a baby the day before.?

Husbands, family members need to say: where does this baby come from?

And need to think about it in a critical way.

40. OPRAH: All right, so it somebody just [...] shows up with the child and has some story about the child that doesn't make any sense or that could not make any sense?

41. ERNIE: Well, there really is, as you know, a pattern in these cases.

42. OPRAH: [=] Well, whoever has this baby, if someone took this baby then that was absolutely planned. Premeditated.

43. ERNIE: Well, premeditated to an extent.

Most of these cases tend to be opportunities. They don't necessarily tend to be stalking situations.

(terceiro episódio)

44. OPRAH: (abruptly turning to the couple)

[=] Do you have an alarm in your house?

45. STEVE: and MARLENE: We never used it. (dueto)

46. STEVE: The alarm came with the home. The company I used to work for had a promotion where

they gave everybody an alarm system. We never felt a need to hook it up. So, we never did.

47. OPRAH: You didn't do so. [?]

48. MARLENE: You have to understand, Brownie [...]

49. OPRAH: [=] Your doors were never locked? [?]

50. MARLENE: The front door is usually always locked, but our back doors, Brownie, our dog uses a slider and a screen like a doggie door, and she would go through this screen in and out all day long. The door was open this much [...] (gestures) all day long.

51. OPRAH: What about nighttime? [?] Nighttime I'm locked up like a cell when I go to bed, don't you

lock your doors at night?

52. MARLENE: We live in a cul-de-sac.

53. OPRAH: [=] I leave the door key in my car and leave the windows rolled down

54. MARLENE: [=] My garage door is unlocked. We bought the house because we live in a cul-de-sac in

a nice neighborhood.

55. OPRAH: ^ I live in a nice neighborhood too! [,]

56. MARLENE: I know ...[,]

57. OPRAH: [=] Yeah, but I mean this was not the concern you had.

58. STEVE: No, never was.

59. MARLENE: [=] It was never.

60. STEVE: You know, the feeling is that somebody wants to come in and take something.

Introdução da Platéia à Interação

61. OPRAH: [=] (interrupts STEVE and ask the audience)

How many of you all lock up your doors? [?]

(lots of people raised their hands).

62. OPRAH: That's amazing to me you don't lock up your doors!.

That's amazing to me you don't lock up your doors!

What do you want to say? So, now ...

63. STEVE: [=] Now, we've hooked up an alarm system.

64. MARLENE: We have an alarm when we open any door ...

65. STEVE: [=] We lock all doors.

66. OPRAH: [=] O.K.

67. OPRAH.(looking at the audience) Your question was ...

68. FIRST LADY: [=] Thinking of the focus of trial, has there been any speculation on any motive of any

sort of insurance or otherwise that the parents might have had?

69. OPRAH: (to the second lady from the audience who wants to ask a question)

Is that the same question you want to ask?

70. 2nd LADY: Were you all in any financial difficulties or problems?

71. MARLENE: Steve is having the best year of his life this year.

72. STEVE: Marlene only works ten hours a week, and that is because she ...

72MARLENE: [=] I work ten hours a week because I want to.

73. OPRAH: [=] ...because you know some people have said that you probably [...] you could have sold

your own baby for money, which, my God, is a horrible thought.

Referências:

FALK, Jane. 1979. The duet as a conversational process. PhD Dissertation. University of California, at Berkeley. Ms.

GOFFMAN, Ervin. 1981. Footing. In Forms of Talk. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 124 - 59.

QUENTAL, L. 1991. Alinhamentos e estruturas de participação em uma entrevista terapêutica. G.M. de Oliveira e Silva e F. Tarallo (orgs.) Cadernos de Estudos Lingüísticos, 20. Campinas . Unicamp.

RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. Sociolingüística Interacional. Porto Alegre. AGE Editora. 1998.

SCHIFFRIN, D. 1982. Discourse Markers. Cambridge: Cambridge University Press.

TANNEN, D. 1979. What's in a frame? surface evidence for underlying expectations. In R.Freedle (org.)New Directions in Discourse Processing. Norwood: Ablex.

TANNEN, D. 1986. That's Not What I Meant! How Conversational Style Makes or Breaks Relationships. New York: Ballantine Books.

TANNEN, D.e C.Wallat. 1987. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical interview. In Social Psychology Quarterly 50 (2):